

Nossos mortos | Parêntese

Francisco Marshall: Panegírico para Carlos Roberto Cirne Lima

📅 julho 9, 2020

Em 1979, iniciou-se um novo ciclo no IFCH, com o retorno e recontratação pela UFRGS do professor Carlos Roberto Cirne Lima, que havia sido cassado pelo AI-5 em 31/08/1969, e viveu no exílio acadêmico por 10 anos. Foi exílio *sui generis*, pois então o filósofo tomou seu diploma de Administrador de empresas, obtido em Viena, limpou de seu CV referências à Filosofia, e logo prosperou como executivo de alto nível; ele tinha experiência prévia, em missões internacionais ousadas, seu ganha-pão durante o período de docência em Viena, de 1962 a 1965. Em 19 de novembro de 1965, o ex-jesuíta convertido à Filosofia desembarcou no porto de Santos com uma bela biblioteca e sua jóia rara e flor máxima, a artista Maria Tomaselli, com quem casou ainda na Áustria, em 1965. Após a cassação, moraram em Frankfurt, São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Olinda e, afinal, Porto Alegre. Assim que anistiado, Cirne Lima recebeu carta convite do Reitor da UFRGS, prof. Homero Só Jobim, e largou a próspera carreira de executivo para assumir o posto de seu destino, a cátedra de Filosofia.

Naquele momento, o Curso de Filosofia tinha um perfil fortemente humanístico, com muitos professores brilhantes, como o magnânimo prof. Luís Alberto de Boni, em filosofia medieval, e, além de Cirne Lima, um célebre tradutor e comentarista de Heidegger, Ernildo Stein. Os carros destes dois alinhavam-se no estacionamento, sob os jacarandás. O Opala Diplomata 4.100 de Stein era notável por seu porta-malas, onde ficava uma parte da biblioteca do mestre, dezenas de livros, alguns ensacados, outros soltos pelo baú, manuseados a cada aula. Este era um recurso impossível para Cirne Lima, que chegava em

chegava levando consigo o equipamento mais impressionante da academia, ele mesmo, sua cultura e sagacidade, e com este recurso proferia aulas de qualidade rapsódica.

Professor Cirne Lima

Eis as palavras de minha amiga e contemporânea no curso de História (barra 84) Claudia Presotto, em [postagem alusiva ao passamento do mestre, no Facebook](#):

Professor maravilhoso, daquele tipo que generosamente deixa os alunos assistirem o seu processo de reflexão... ainda lembro a sensação de flutuar em certos momentos de suas aulas

Tempos depois, já no PPG Filosofia da PUCRS, que Cirne Lima ajudou a estruturar, [Eduardo Luft experimentou o mesmo assombro](#):

Cirne Lima tinha um estilo próprio de aula: não se debruçava em análises tediosas dos textos dos filósofos, em repetições ruminativas, embora às vezes necessárias, do sabido. Preferia atacar o assunto de frente, expor à crítica suas ideias, construí-las diante de nós, esperando o diálogo franco e direto. Uma primeira parte da aula de exposição, uma segunda parte mais dedicada à troca de ideias.

Assim eram aquelas aulas, admiráveis, em que o professor Cirne Lima deslindava e desdobrava as ideias com ciência melhor do que a maiêutica socrática. Ele estruturava todo o campo do raciocínio e avançava com os pupilos, no ato, em sala de aula, para um périplo especulativo em que facilmente aparecia toda a história da filosofia, mas sempre no ambiente de uma nova reflexão, atual. Assim, todos podiam conhecer um panorama humanístico que apontava e lia nas palavras originais os filósofos gregos, os medievais, e Descartes, Spinoza, Fichte, Schelling, Kant e especialmente seu guru megablaster, Hegel.

Hegel

meu professor um solista virtuoso diante daquela orquestra filosófica, a doutrina de Hegel. Cirne Lima preservou de Hegel especialmente a compreensão de uma filosofia de sistema, *i.e.*, cobrindo a totalidade, integrando e relacionando todo o campo epistemológico e conceitual decorrente de sua compreensão ontológica, monista e dialética. No topo do sistema, a ideia, e logo seus desdobramentos, espírito, natureza e lógica, e sucessivamente os conceitos analíticos do restante da obra de Hegel.

Sobre essa escola, anotou Ariel Koch Gomes, na apresentação das *Obras Completas*:

Já sobre ser hegeliano, Cirne Lima diz que é um problema muito mais de etiqueta do que de conteúdo. Hegel não é Hegel. E ele explica. Temos na Filosofia Moderna, a rigor, apenas duas correntes filosóficas. Uma delas vem de Descartes e chega até Kant. São os analíticos, duramente dualistas. Corpo e espírito são duas coisas diferentes e que não se juntam, dizem. Para juntá-las é preciso usar cola, e mesmo assim, ela não “pega”. A outra corrente vem do Neoplatonismo, com Plotino, passa por Espinosa, chegando a Fichte, Schelling, Hegel e Marx, e diz que o Universo é uma Totalidade em Movimento. Tudo é um Todo que é diferenciado e está em Movimento de evolução. Isso significa que deus está aqui, ou então deus não existe. (Carlos Cirne Lima, Obras completas, vol. I)

Eis um ponto central na visão de Cirne Lima: a distinção, na história da filosofia, entre monistas e dualistas. Em suas últimas conversas, em almoços animados pela ótima e cordial cozinha de Maria e convivas de dar inveja ao Banquete de Platão, Carlos sempre voltava a este ponto, elaborado já nos tempos de Viena: “Dei-me conta de que a Filosofia Moderna só tem duas correntes: a que vem do Neoplatonismo e é monista, que continuo a seguir, e a dualista, que surge em Descartes e alcança Kant.” (*Obras completas*, Vol. I, Notas biográficas).

No seminário em que formou-se o jovem jesuíta, nos anos 1950, em São Leopoldo, havia uma sala proibida, como o *Gabinetto Segreto* do *Museo Archeologico Nazionale di Napoli*, referida pelos estudantes como “o inferno”. Lá estavam as obras dos filósofos modernos, cuja leitura, afinal franqueada a Carlos na Europa, o encaminhou para largar a batina, o

(1961-1965), sobretudo de seu professor de teologia em Innsbruck, Karl Rahner, e do então colega Joseph Ratzinger, futuro papa Bento XVI. Depois desta decisão, Cirne viveria com o seu deus e a sua religião. O livro é sempre arma poderosa, quando encontra a mente de um verdadeiro leitor.

Enquanto seguíamos com o homem do opalão a leitura exegética do *hit* do momento, a Teoria da Ação Comunicativa (1981), de Jürgen Habermas, Cirne Lima ministrava uma despreziosa cadeira de Antropologia Filosófica, para a qual nos indicou um livro de mesmo título, que eventualmente folheamos e lemos em aula. O que de fato ocorria a cada aula era uma performance magistral, sob forma de conferência. Lembro que à época Cirne Lima estava muito impressionado e entusiasmado com o desenvolvimento no Brasil dos novos paradigmas de lógica para-consistente, com Andrea e Zeljko Loparic e Newton C. da Costa. Esta nova lógica prometia resolver um dos grandes impasses da história da filosofia, dando à dialética uma consistência lógica sem precedentes. Os olhos de Cirne Lima brilhavam, e ele sorria feliz ao falar desta que foi uma das grandes vedetes da filosofia brasileira, nos anos 1980, e segue muito instigante.

As palavras aladas

Cirne Lima foi célebre por suas conferências inspiradíssimas. Em uma dessas, Aula magna do IFCH-UFRGS em 1988, o tema foi *Universidade: Democracia ou Aristocracia*. Este texto está no volume V da edição das obras completas de Carlos Roberto Cirne Lima, [disponível on line na página em que está documentada a trajetória do autor](#), impecavelmente desenvolvida por Maria Tomaselli, em primorosa edição, impressa e digital. Lá estão textos admiráveis, cuja leitura é o melhor alimento para o pensamento.

Outra célebre conferência, naqueles anos, foi proferida no evento Atualidade do Mito (Porto Alegre, SBEC, 1º a 5 de junho de 1987), e publicada no livro *Mito Ontem e Hoje* (org. Donaldo Schüller e Míriam B. Goettems, Ed. da Universidade, 1990) e no volume V das *Obras completas*. Em *Mitologia e História*, o autor retoma a célebre questão das relações entre *mythos* e *logos*, ou, como aparece no texto, mito e razão. Após percorrer o histórico

mito racionalizado, a história de sua família, os Cirne, que na Ibéria indicam gente procedente da Córsega, que os gregos chamam Kyrnes, por sua vez provenientes de Argos, terra de Kyrnos, filho de Hércules, que todos, exceto Alceu, sabemos ser filho de Zeus. E conclui, amarrando mito e razão, ao modo com que Nietzsche sonharia conciliar Apolo e Dioniso:

Somos todos homens contingentes, eu e muitos de nós somos historicamente irrelevantes, mas somos todos racionais, dotados de uma racionalidade que critica e desmitifica, para, depois, mitificar de novo, retomando a lenda e a fantasia, sob a luz apolínea da Razão, num discurso que, embora em honra de Apolo, entra em delírio e faz sua oferenda a Dioniso, como também a Xangô. Esse tipo de delírio é tarefa e obrigação de todos os homens e de todos os povos, pois, nele, o humano e o divino se conciliam, o Mito fica Razão, a Razão fica Mito. A embriaguez do delírio nos faz rir, pois toda embriaguez tem algo de ridículo e de tolo. Mas esse delírio tem um núcleo racional, ele é uma *theia mania* (divina loucura). A seriedade do Mito é que deus se faz homem e nós todos ficamos divinos.

Apoteose

Tivemos entre nós um ser divino e humano, capaz de nos fazer ver o quanto somos a unidade que concilia todas as partes, e a complexidade da ideia que se realiza como corpo, arte, história e vida. Este ser iluminou a melhor parte do mundo, a mente daqueles que amam o conhecimento e buscam o caminho da filosofia, onde Carlos Roberto Cirne Lima realizou seu destino, com ensino, escritos e uma presença marcante, inesquecível. Panteísta e monista, entendia que cada partícula do cosmos está impregnada com o sentido sagrado da totalidade, à qual seu corpo reintegrou-se em novo modo, na tarde de 1º de julho de 2020, com simplicidade e grandeza, e cá ficamos nós, com letras, imagens e memórias imperecíveis, lembrando-nos quem foi, quem somos e quem e o que podemos ser.

P.S.: o prof. Carlos Roberto Cirne Lima foi entusiasta apoiador e docente do StudioClio, juntamente com Maria Tomaselli. Ali realizou muitas atividades maravilhosas, com destaque para o primeiro curso de filosofia da casa e o primeiro a ultrapassar 20

Marshall e o StudioClio têm especial gratidão a este generoso amigo e a Maria Tomaselli.

<http://www.studioclio.com.br/docentes/17944/carlos-roberto-velho-cirne-lima>

Francisco Marshall, historiador e arqueólogo, professor titular de História na UFRGS,
marshall@ufrgs.br



(parêntese)

A Parêntese é uma revista digital em forma de newsletter que apresenta reportagens, artigos e análise de fatos da política, da economia, da sociedade e da cultura, difundindo as boas práticas da produção cultural, científica, tecnológica, sustentável e inovadora, com originalidade, exclusividade e uma linguagem contemporânea.

Últimos textos da Parêntese

**Roger Lerina: recomendações da
semana**

**Arthur de Faria: Série As Origens –
parte XXI**

Lígia Petrucci: Uma estrela no olho

**Rodrigo Mohr Picon: Literatura ensina
empatia**

**Gunter Axt: Cafés, combates e um
saboroso bife com ovo**

**Caroline Moraes: Yami – ensaios sobre
o botão**

**Rodrigo Breunig: O que liam, como liam,
por que liam os personagens de
Machado de Assis?**

Planta Baja: Da janela

Alisson Affonso: Gil, Elza & Nina

Nathallia Protazio: Pai

**Rafael Escobar: Transfiguração coxinhal
– Capítulo 8**